

## PROCESSOS DE DESENHO: SUPORTES E MATERIALIDADES

PEDRO ELIAS PARENTE DA SILVEIRA<sup>1</sup>:  
EDUARDA GONÇALVES<sup>2</sup>orientadora

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – pepsilveirarts@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo revela o estudo desenvolvido junto ao projeto de pesquisa Deslocamentos E Cartografias Contemporâneas (DESLOCC), sob orientação da profa. Dra. Eduarda Gonçalves e apoio da bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPQ). A pesquisa na linha de poéticas visuais na linguagem do desenho interpela questões de sua natureza artística e conceitual. Discorro aqui sobre dois trabalhos realizados durante meu primeiro e segundo semestre da graduação em Artes Visuais Bacharelado pela UFPel, no ano de 2014. O primeiro surge explorando intensificar características físicas do desenhar, como o atrito, fator intrínseco no processo de materialização da linha, me levando a utilizar como suporte, lixas de ferro e de madeira, de diferentes cores e formatos. O segundo é uma ação registrada em vídeo e possui o título de COM – TATO. Nele, meu corpo passa a ser utilizado como um instrumento de desenhar e a cidade como um suporte para tal.

A cidade é constituída por desenhos arquitetônicos e ruas, formando uma grade que impõem ao meu corpo os modos de perceber o espaço que me cerca. Isso, juntamente com a compreensão física do desenho, são os fatores, ou motes para meu processo criativo que segue até os trabalhos mais atuais. Os conceitos operatórios que se evidenciam nessas investigações iniciais geraram a expansão do meu desenho, acarretando em entrecruzamentos de linguagens para dar a ver modos de desenhar que não se restringem aos materiais tradicionais lápis e papel, sobre isso Edith Derdyk fala:

O desenho, como índice humano, pode manifestar-se não só através de marcas gráficas depositadas no papel ( ponto, linha, textura, mancha), mas também por meio de sinais como um risco no muro, uma impressão digital, a impressão da mão numa superfície mineral, a famosa pegada do homem na lua etc.(DERDYK, 2010,p.24).

Para fundamentar as discussões em torno dessas características, além de Derdyk são elencados teóricos e artistas como: Iclea Cattani, Marcia Tiburi, Wassily Kandinsky, Sean Scully, Richard Serra entre outros.

### 2. METODOLOGIA

Meu processo surge da compreensão do ato que materializa o desenho. A ação de mobilizar um instrumento sobre uma superfície, de fazer este tocá-la acarreta no ponto. O ponto se transforma em linha quando esse instrumento é arrastado. Essa ação é similar ao que Wassily Kandinsky identifica como força externa.

[...] que nasce não no ponto mas fora dele. Essa força se precipita sobre o ponto preso no plano, arranca-o daí e empurra-o para uma direção qualquer.

Assim, a tensão concêntrica do ponto vê-se destruída e o ponto desaparece, dele resultando um novo ser, dotado de uma autônoma e submetido a outras leis.

É a linha. (KANDINSKY,1997,p.45)

Percebi que o atrito e o choque entre os corpos são fatores que influenciam diretamente no processo de criar desenhos. Levando isso em consideração passo a confeccionar suportes que possam intensificar a fisicalidade do desenhar e provocar resultados gráficos diferenciados.

Em minhas investigações iniciais me apropriei da lixa, um material não usual na feitura de desenhos. A confecção do suporte se dá através da justaposição de lixas de formatos e cores diferentes. A grade gerada por esta justaposição determinou meu modo de atuar sobre o suporte. Para a realização das linhas utilizei giz pastel seco, giz de lousa e uma barra de carvão utilizada na campanha para marcar a lã das ovelhas. As cores destes são escolhidas levando em conta o contraste que criam com as lixas. As linhas foram realizadas através de um processo de raspagem, que subtrai a matéria do instrumento utilizado para desenhar quase que por completo.

As operações de atritar e raspar passaram a fazer parte do meu modo de desenhar e acarretaram no desdobramento onde meu corpo é o instrumento de desenhar e a cidade o suporte. Isso advém da minha mudança de Piratini/RS para Pelotas/RS no ano de 2014, ao ingressar no curso de Artes Visuais. A mudança geográfica, de uma cidade de terreno acidentado para uma plana e maior, assim como o desconhecimento do que me rodeava, tornou o caminhar uma ferramenta para reconhecer o local que agora eu habitava. Segundo Francesco Careri (2013, p 27) “uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo”. Relacionei isso com o próprio ato de desenhar, tornando o caminhar uma espécie de metáfora para o desenho. O lápis percorre a espacialidade da folha para criar a linha e eu percorro as ruas da cidade para desbravar e desenhar rotas, caminhos e afetos. A cidade se torna o suporte sobre o qual agir.

O trabalho Hand Catching lead de Richard Serra, que descobri na aula de Processos Criativos 2 me suscitou uma forma de experimentar o mundo que é própria da criança. Isso se dá através do gesto de passar a mão pelas superfícies urbanas enquanto desloca-se pela rua. Com esse gesto realizado pelas crianças em mente, parti para o desenvolvimento de COM-TATO. Escolhi a quadra onde se localiza o Centro de Artes da UFPel, na zona do Porto pois esta faz parte de minha rotina. Atritando e raspando minha mão contra as paredes, muros, grades, realizei a linha de contorno da quadra. A ação é registrada por meio de uma câmera filmadora acarretando em um vídeo com duração de 5:33 minutos. Esse passou por processo de edição no programa Sony Vegas pro 13.0, onde foram realizados cortes necessários para sua narrativa fluir mais naturalmente. O registro possui um enquadramento similar ao vídeo de Serra, focando no embate da minha mão com os elementos urbanos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao utilizar a lixa como suporte ocorreu uma inversão no processo de desenhar. O instrumento para desenho passa a sofrer a ação do suporte, que possui uma materialidade mais incisiva no processo, e não o contrário como ocorre normalmente, acarretando em linhas menos definidas, borradas, com um caráter de mancha. Essas, sobrepostas às grades dadas pelas lixas justapostas, geraram um desenho de geometria sensível e uma dubiedade espacial (Fig.1). Essas características me aproximaram do trabalho de Sean Scully. (Fig.2) Scully através da evidenciação da sua pincelada borra as bordas das faixas retangulares em suas pinturas, acarretando em uma geometria inexata. Porém, Scully parte de motivos arquitetônicos para estruturar seus trabalhos, enquanto eu parti dos elementos gerados pela configuração dos materiais e sua materialidade.



Figura 1. Pedro Parente  
Sem título, giz sobre Lixa, 73 x34cm  
Fonte: Autor.



Figura 2. Sean Scully Human Nature,  
óleo sobre tela,  
228.6 x 304.8 cm, 1996  
Fonte: <http://seanscullystudio.com>

COM-TATO (Fig.3) acarretou numa experiência tátil da cidade. Essa foi registrada em vídeo, onde é capturado o tempo de percurso da linha imaginária que é criada ao circular a quadra e tem duração de 5:33 min. O vídeo possui um enquadramento similar ao de Richard Serra, capturando apenas a mão em ação. Serra visava criar uma metáfora para a construção temporal presente no vídeo, através de ação de pegar placas de chumbo "Morisset" (2007). Em COM-TATO, me coloquei como um instrumento de desenho, sentindo a materialidade que compõe a cidade e investigando possibilidades outras do desenhar que residem nessa ação, ativando o olhar e o tato para o que me cerca e passa despercebido.



Figura 10. Pedro Parente, COM-TATO, 2014, (frame), duração: 04.56.  
Fonte: Autor; Link: <https://vimeo.com/229126671><sup>1</sup>

<sup>1</sup> Senha para acesso ao vídeo: 1contato1. Trabalho exibido em Refluxo: festival experimental de artes, ocorrido no ano de 2016 e no Encontro/Exposição de Vídeos e impressos “Deslocc as Paisagens cotidianas”, 2017.

O raciocínio de desenho como embate entre corpos me induziu a explorar suportes não corriqueiros e meios variados, para pesquisar as potencialidades do desenho. Isso gerou um entrecruzamento de linguagens em minha produção, conferindo a esta o que Iclea Cattani identifica como “mestiçagem de linguagens” (CATTANI, 2008). Apesar das diferenças geradas por essas variações de meios o raciocínio de desenho costura e une todos os trabalhos.

#### 4. CONCLUSÕES

O desenho é uma linguagem que possui uma temporalidade própria da contemporaneidade, veloz e dinâmico, carrega a democracia em sua gênese, podendo ser realizado em qualquer lugar e a qualquer hora. Na fila de espera, no ônibus, com um simples lápis e papel, parede, mesa, ou outro suporte qualquer.

Em minha poética o desenho é o raciocínio estruturador que se utiliza de outras linguagens para explorar possibilidades de pensá-lo e cria-lo. Ele vai além e auxilia o meu experienciar do mundo, do meu cotidiano. Mais que uma forma de olhar é uma forma de tocar, adquirir e internalizar o que observo, um “ato de resistência” na era do digital onde os estímulos nos chegam cada vez mais apenas ao olhar como coloca Marcia Tiburi...

[...]não posso abandonar a perspectiva de que, ao desenhar, trata-se de viver com as mãos implicadas no processo humano, enquanto, em nosso mundo virtual, na era digital – o tempo do homem sem mãos como afirmou Flusser –, algo de nossa experiência corporal se perde, em nome de uma existência superficial. Refiro-me a uma vida em que tudo passa entre o olhar e suporte sem a mediação do corpo. (TIBURI, Márcia, 2010,p22).

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

##### Livro

CARERI, Francesco; Walkscapes: O caminhar como prática estética/ Francesco Careri; prefácio de Paola Berenstein Jacques; [tradução Frederico Bonaldo]. – I. ed. – São Paulo: Editora G. Gill, 2013.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do gesto infantil. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.

GIANNOTTI, Marco. Breve história da pintura contemporânea. São Paulo: Claridade, 2009.

KANDINSKY, Wassily. Ponto e linha sobre plano/ Kandinsky; [tradução Eduardo Brandão]. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

##### Artigo

TIBURI, Márcia. Diálogo/Desenho / Marcia Tiburi, Fernando Chuí. – São Paulo: Editora senac São Paulo, 2010.

##### Documento digital

MORISSET, Vanessa. Le mouvement des images. [centre Pompidou.fr](http://mediation.centre Pompidou.fr/education/ressources/ENS-mouvement_images/ENS-mouvement-images.htm). Disponível em:<[http://mediation.centre Pompidou.fr/education/ressources/ENS-mouvement\\_images/ENS-mouvement-images.htm](http://mediation.centre Pompidou.fr/education/ressources/ENS-mouvement_images/ENS-mouvement-images.htm)>. Acessado em: 29/08/2017.